

A INFLUÊNCIA DA FALTA DE REPRESENTATIVIDADE SOCIAL NA AUTOESTIMA DA MULHER NEGRA

Julia Mara Silverio Benedito

juliamarasm@gmail.com

Adriana Maria Bigliardi

Introdução: A falta de representatividade social positiva de mulheres negras é uma problemática social inquietante com implicações de ampla dimensão. Mais da metade da população Brasileira é constituída por mulheres, e destas 56,2% são mulheres autodeclaradas pretas, incluindo pardas. Contudo, apenas 4% destas mulheres são representadas em produções midiáticas, como filmes e novelas. Mulheres negras tão somente são representadas pela mídia como subservientes e hipersexualizadas, quando não, as representações destinadas a mulheres negras são totalmente pautadas em estereótipos. Mulheres negras nunca são representadas pela mídia com ilustrações positivas, não são à protagonista, a mulher cortejada e muito menos a profissional de sucesso. Ao se ver representada de forma indecorosa, devido a sua raça, a mulher negra propende a absorver mais o racismo, e passa a negar sua negritude, cultura, e seu grupo étnico, a fim de, amplificar suas oportunidades de sucesso, inclusão e ascensão social. Assim, o fato de não se sentir reconhecida e representada como um indivíduo digno, torna mulheres negras mais expostas a enfermidades físicas e psicológicas, visto que, estas podem perder sua motivação e segurança quanto a execução das condutas de autocuidado e de preservação de sua saúde. **O Objetivo** geral desta pesquisa foi analisar os impactos da falta de representatividade social positiva da mulher negra, na construção da autoestima de mulheres negras. Os objetivos específicos foram: analisar a representação social de mulheres negras e investigar como a autoestima da mulher negra é impactada pela forma como mulheres negras são representadas. **Método:** Pesquisa de revisão bibliográfica do tipo narrativa, com caráter descritivo e exploratório, fundamentada em artigos científicos, livros, sites oficiais, revistas científicas eletrônicas, teses, dissertações e monografias, publicados em bases abertas da Scielo, PePSIC e Google Acadêmico, na língua portuguesa. **Conclusão:** Através desta pesquisa, constatou-se que a falta de representatividade social positiva de mulheres negras influencia na construção e estabelecimento da autoestima da mulher negra. Considerando que a autoestima é instituída através da atribuição de autovalor em conjunto com a valoração advinda de terceiros, é possível compreender que a autoestima não se constrói de maneira isolada, desta forma, as representações sociais presentes no cotidiano da mulher negra, influenciam diretamente esta estruturação. Comumente as referências estéticas e culturais que são apresentadas para a sociedade no cotidiano, contemplam modelos padronizados de personificação, que são predominantemente compostos por, para e com indivíduos de etnia branca, fomentando de modo inconsciente, ou não, a exclusão social de negras(os). Ao compreender os reflexos presentes em se ter um corpo negro na sociedade, a mulher negra passa a odiar o seu próprio corpo e a presença de sua ancestralidade que nele é estampada, e vai em busca de uma adequação ao corpo branco, que é extremamente valorizado e positivado na sociedade. Obrigor, mesmo

que implicitamente, a mulher negra a moldar, anular e negar o seu corpo em consonância com um corpo branco, configura uma violência cultural que é estruturada no racismo e em prol da egomania do sujeito branco. É importante salientar que é impraticável modelar um corpo negro em um corpo branco, e forçar este movimento causa dor e afeta a construção da individualidade negra. Esta pesquisa aponta a latente necessidade de que mulheres negras passem a ser representadas de forma positiva e digna. Sendo possível concluir que a autoestima da mulher negra, assim como, a construção de sua identidade e sua autoavaliação, são influenciadas negativamente pela falta de representatividade social positiva de mulheres negras. Ao compreender os diversos efeitos que a falta de representatividade positiva, o racismo e a discriminação podem fomentar na vida das mulheres negras, suscitando principalmente a baixa autoestima, possibilita-se que a ciência psicológica contribua positivamente neste processo. Este estudo proporcionou uma maior compreensão dos impactos da falta de representatividade social e os reflexos da representação social da mulher negra na construção e estabelecimento da autoestima de mulheres negras, assim como, a compressão da estruturação da identidade, individual e coletiva, e a da autoestima da mulher negra. Os frutos decorrentes desta pesquisa podem promover um avanço desta temática em âmbito acadêmico e incitar debates e movimentos sociais mais inclusivos, possibilitando que se possa compreender de maneira mais ampla a relação entre a representação social, a construção de seu papel na sociedade e a autoestima. Podendo colaborar para que haja uma maior compreensão quanto a estruturação e funcionamento da identidade da pessoa negra, assim como, proporcionar entendimento acerca do desenvolvimento da autoestima de mulheres negras. Compete a psicologia, a elaboração de ambientes que propiciem que mulheres negras expressem seus sentimentos, decorrentes da discriminação e do preconceito racial, e auxiliar que mulheres negras tenham uma relação mais positiva com si e com o seu meio social. A psicologia, deve versar sobre o racismo e suas implicações na estrutura psíquica e na saúde emocional das mulheres negras, como um ser individual e coletivo, englobando inclusive o agente discriminador. Profissionais psicólogos podem e devem auxiliar que indivíduos pretos pertençam livremente em seus corpos sem temor.

PALAVRAS-CHAVE: Mulher Negra; Representatividade; Autoestima.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Simone. G; AVANCI, Joviana. Q. **Labirinto De Espelhos**: Formação da Autoestima na Infância e na Adolescência. Rio De Janeiro: Editora Fiocruz, 2004. Criança, Mulher e Saúde Collection. p. 208. Disponível em <<http://books.scielo.org/id/vdywc>>. Acesso em: 04 out. 2019.

DAVIS, Angela. **Mulheres, Raça e Classe**. Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016,

HOOKS, Bell. **Olhares Negros**: raça e representação. [S. l.]: Elefante, 2019. 356 p.

SILVA, Monalisa N.; MONTEIRO, Juliana C.S. Representatividade da Mulher Negra em Cartazes Publicitários do Ministério da Saúde. **Rev. Esc. Enferm. USP**. v. 52, dez. 2018. Disponível em:

<https://www.scielo.br/scielo.phpscript=sci_abstract&pid=S008062342018000100475&lng=en&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em: 15 mai. 2020.

SOUZA, Neuza Santos. **Tornar-se Negro**: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora graal, 1983.

TAQUETTE, Stella R.; MEIRELLES, Zilah V. **Discriminação Racial e Vulnerabilidade às DST/Aids**: um estudo com adolescentes negras. Physis, Rio de Janeiro, v. 23, n. 1, p. 129-142, 2013. Disponível em:
<http://www.scielo.br/scielo.phpscript=sci_arttext&pid=S010373312013000100008&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 10 mai. 2020.

VALIM, Kátia. **A África na Sala de Aula**: seus objetivos, perspectivas e desafios (Africa in the classroom: its goals, perspectives and challenges). História em curso, v. 2, n. 2, p. 33-50, 2012. Disponível em:
<<http://periodicos.pucminas.br/index.php/historiaemcurso/article/view/3451>>. Acesso em: 17 mar. 2020.